

ECONOMIA EM JULHO DE 2026

Apesar das incertezas em torno da persistência do conflito no Oriente Médio, a dissipação do choque energético trouxe sinais mais favoráveis para a inflação desde meados do mês passado. Tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, os índices vieram abaixo das expectativas, reduzindo as pressões de curto prazo. Ainda assim, a inflação acumulada em 12 meses permanece acima das metas, o que mantém os bancos centrais em postura cautelosa. Nos Estados Unidos, o Fed segue diante do dilema entre aguardar novos dados ou iniciar um aperto monetário moderado. Na Europa, o BCE manteve a taxa de juros em 2,25%, após a elevação de 25 pb realizada em junho, adotando, porém, um tom mais vigilante. No Brasil, o Copom reduziu a Selic em 25 pb, para 14,00%, e a expectativa é de um novo corte em setembro. Apesar desse quadro mais benigno para a inflação, a recente alta do petróleo e os riscos no cenário externo seguem demandando atenção.

Nos EUA, a atividade continuou resiliente no segundo trimestre, com os ISMs de julho reforçando o dinamismo sustentado pelo ciclo de investimentos em inteligência artificial. O mercado de trabalho, porém, mostrou sinais de moderação, com payroll mais fraco, revisões baixistas e desaceleração salarial. A inflação de junho surpreendeu para baixo, fortalecendo a narrativa de desinflação. Na reunião de julho, o Fed manteve os juros entre 3,50% e 3,75%, mas as dissidências e o debate mais hawkish evidenciaram a divisão interna sobre os próximos passos.

Na Área do Euro, a atividade surpreendeu positivamente, com o PIB avançando 0,4% t/t no segundo trimestre e o desemprego próximo das mínimas em 6,3%. A inflação acelerou modestamente para 2,9% a/a, puxada pela energia, enquanto o núcleo e os serviços seguiram comportados e as expectativas, ancoradas. O BCE manteve a taxa de depósitos em 2,25% e adotou comunicação mais vigilante, sem evidências de efeitos de segunda ordem.

Na China, a economia segue em duas velocidades. O PIB desacelerou para 4,3% a/a no segundo trimestre, mas o crescimento no primeiro semestre (4,7%) permaneceu dentro da meta oficial. A manufatura de alta tecnologia e as exportações seguem fortes, enquanto o consumo das famílias e o setor imobiliário continuam fracos. A inflação voltou a perder força e os PMIs oficiais recuaram para território de contração em julho. Sem uma desaceleração mais aguda, o Politburo reafirmou a estratégia de ajustes graduais, sem novos estímulos de grande magnitude.

No Brasil, os dados confirmaram a moderação da atividade no segundo trimestre, embora com composição melhor do que sugerem os indicadores agregados. O mercado de trabalho segue aquecido, mas com desaceleração dos rendimentos. A principal surpresa veio da inflação, com o IPCA de julho avançando apenas 0,07% e a taxa em 12 meses recuando para 4,44%. O quadro fiscal continua frágil, com dívida bruta de 81,9% do PIB. Na política monetária, o Copom reduziu a Selic para 14,00% a.a., mantendo a assimetria altista no balanço de riscos e reforçando uma postura dependente dos dados.

ÍNDICES	MÊS	ANO	12 M	24 M	36 M	48 M	60 M
CDI	1,22%	8,14%	14,71%	29,09%	43,95%	63,51%	78,86%
IMA-S	1,23%	8,26%	14,90%	29,62%	44,79%	64,81%	81,10%
IDA-DI (CRÉDITO PRIVADO)	1,43%	8,62%	14,93%	30,95%	51,55%	70,01%	89,81%
IMA-B	0,97%	5,09%	10,19%	14,91%	19,94%	38,48%	42,98%
IRF-M	0,85%	5,95%	12,75%	24,03%	34,41%	56,50%	61,85%
DÓLAR	-1,92%	-7,73%	-9,37%	-10,33%	7,08%	-2,14%	-0,86%
IBOVESPA (AÇÕES BRASIL)	3,47%	10,47%	33,76%	39,44%	45,97%	72,54%	46,14%
MSCI WORLD (Moeda original)	0,46%	9,42%	18,94%	35,74%	58,21%	76,52%	57,95%
NASDAQ (Moeda original)	-3,20%	9,17%	20,13%	44,17%	76,87%	104,78%	72,93%
S&P 500 (Moeda original)	-0,13%	9,41%	18,15%	35,63%	63,21%	81,34%	70,40%